

***Burnout* e o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho: uma leitura a partir do imaginário e dos martírios míticos**

Leonardo Souza Torres

Universidade Paulista, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2675-2775>

José Luiz Balestrini Junior

Universidade Paulista, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5877-7547>

Rafael Rodrigues de Souza

Universidade Paulista, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, SP, Brasil
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9074-8546>

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir o fenômeno do sofrimento psíquico e exaustão no ambiente de trabalho, normalmente chamado de *burnout*, à luz dos Estudos do Imaginário, especificamente trazendo homologias da mitologia grega para compreender a condição e a crise simbólica presentes no ambiente de trabalho. A pergunta elencada foi: quais símbolos podem ser levantados e explorados a partir dos martírios míticos, sendo estes fenômenos da psique humana que não correspondem a uma leitura dentro de um espaço-tempo? Elegemos o mito das Danaides para sustentar nossa análise, que sofreram o martírio de preencher com água pela eternidade toneis sem fundo. Realizando este estudo na perspectiva dos Estudos do Imaginário, torna-se possível compreender as causas do sofrimento em sentido simbólico, bem como apontar caminhos que sugerem a forma de lidar com esta problemática atual. A metodologia escolhida foi revisão de literatura e discussão entre os autores – Han, Contrera e Kast para referenciar nossas análises, assim como as leituras mitológicas de Brandão e Kerényi para investigar os martírios míticos.

Palavras-chave

imaginário; sofrimento no trabalho; *Burnout*; mitologia; martírios

1 Introdução

O sofrimento psíquico no ambiente de trabalho propriamente dito, ou até mesmo o martírio dos indivíduos diante da “entidade” trabalho, tem ganhado a atenção de muitos pesquisadores, como podemos comprovar por meio da leitura das obras de Han (2017), Pfeffer (2019), Kast (2016), Sennett (2010, 2015, 2020), Glina e Rocha (2016). Porém, antes deles, autores como Kamper (1998), Dejours (2005, 2006) e Gorz (2005) já teceram problematizações importantes no campo da psicossociologia do trabalho. Na mídia impressa e digital da área de negócios e carreira, que produz conteúdo destinado principalmente para o grande público, podemos destacar reportagens de capa recentes que tratam do sofrimento no trabalho. Encontramos exemplos disso em revistas¹ de grande alcance na área em circulação no Brasil, como na edição de fev/2020 da *Exame* (Figura 1), de out/2020 da *Você RH* (Figura 2) e de mar/2022 da *Você S/A* (Figura 3).

Esta recorrência do tema no campo científico e nas mídias de negócio parecem ser suficientes para corroborar com a leitura do sofrimento no ambiente de trabalho tal como se fosse uma espécie de epidemia psicológica, ou, melhor ainda, como um exemplo do fenômeno do contágio psíquico (TORRES, 2021). Contudo, para além do que podemos observar na contemporaneidade, o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho não é exatamente um fenômeno novo; ele vem ganhando destaque devido a uma certa evidência que advém, muito provavelmente, pelo fato do empresariado ter percebido que a equação resultante entre boa saúde mental e produtividade gera mais lucro para as empresas. Compreender o trabalho como uma “fonte” de sofrimento e/ou punição não é um tema novo em si, como podemos verificar no filme (que também foi um ato político) de 1936 de Charles Chaplin, *Tempos modernos*, no qual o personagem principal é internado por “estafa laboral”. Simbolicamente, dando dimensão atemporal para o tema, a Bíblia também referencia o trabalho como fonte de sofrimento, como podemos verificar nesta passagem do Êxodo no Velho testamento:

Os egípcios obrigavam os israelitas ao trabalho, e tornavam-lhes amarga a vida com duros trabalhos: a preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos, e toda espécie de trabalhos aos quais os obrigavam (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 103).

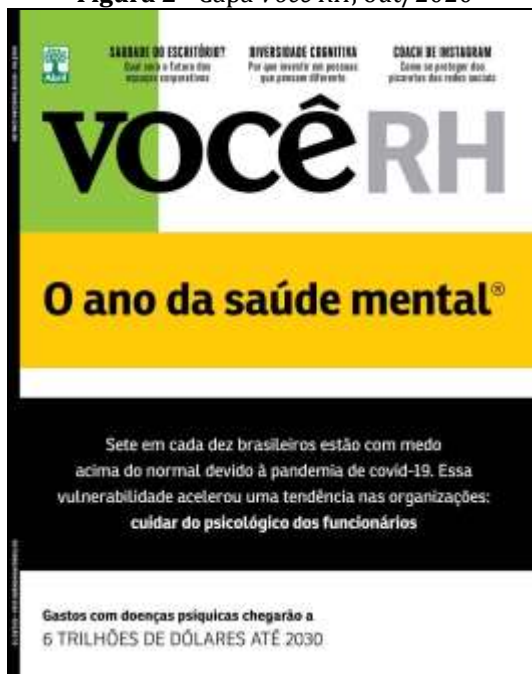
¹ Circulação total (impressa e digital) da *Exame* no Brasil é de 65.000 exemplares na média de abril a outubro de 2020. Fonte IVC, conforme descrito no Media Kit de abr/21 da marca *Exame* adquirido diretamente com a editora pelo e-mail publicidade@exame.com. A circulação total (impressa e digital) da *Você S/A* é de 38.515 exemplares no Brasil. Fonte IVC out/19, conforme informado no site PubliAbril (2009c). A circulação total da *Você RH* no Brasil (impressa e digital) é de 22.523 exemplares. Fonte IVC out/19, conforme informado no site PubliAbril (2009c).

Figura 1 - Capa *Exame*, fev/2020



Fonte: Exame (2020).

Figura 2 - Capa *Você RH*, out/2020

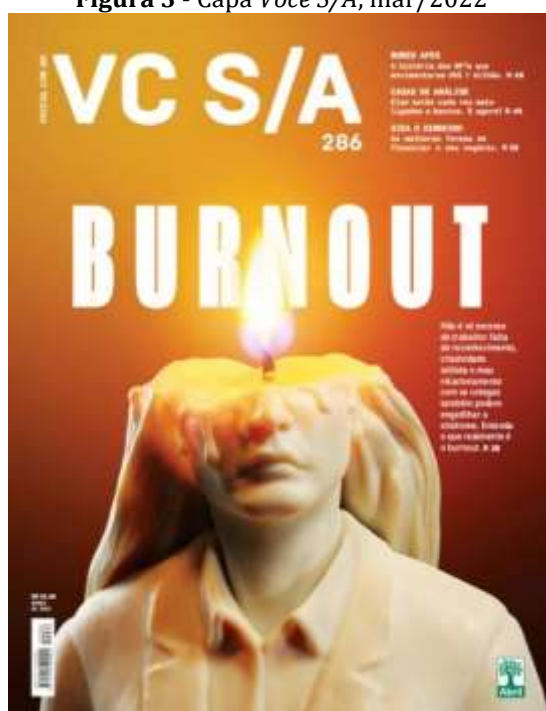


Fonte: Você RH (2020).

Kamper (1998) também faz uma investigação precisa de como o trabalho se coloca como um espaço para geração de sofrimento, especialmente quando se tenta buscar uma espécie de “super-homem” nos indivíduos, almejando construir pessoas perfeitamente

adaptadas para o trabalho. Ao nosso ver, esta leitura de Kamper dialoga diretamente com o conceito da *persona*² de Carl G. Jung, que caracteriza a estrutura da psique humana necessária para o estabelecimento do contato e da adaptação com o mundo externo (JUNG, 2013). Em outras palavras, essa tentativa de transformar o sujeito em alguém plenamente perfeito para o trabalho é fundamentalmente impingir ao indivíduo a ideia de uma máscara social sem falhas, aquela que é absolutamente adaptada para lidar de maneira efetiva com todas as dores, dissabores, vitórias e euforias que o trabalho pode causar.

Figura 3 - Capa *Você S/A*, mar/2022



Fonte: *Você S/A* (2022).

Compreendendo o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho como uma condição simbólica que responde à forma como ele se desenvolve, questionamos quais imagens podem ser levantadas e exploradas à luz dos martírios míticos, sendo estes fenômenos da psique humana que irrompem na consciência influenciando o comportamento individual e coletivo de maneira repetida ao longo da história por serem arquetípicos, portanto, constituintes do imaginário (MORIN, 2005). Para essa investigação, elegemos a mitologia das Danaides (KERÉNYI, 2015; BRANDÃO, 2015b), que sofreram o martírio de preencher com água pela

² Jung (2013, p. 47): "Ao analisarmos a *persona*, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual, ela é no fundo coletiva; em outras palavras, a *persona* não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que 'alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo'. De certo modo, tais dados são reais; mas, em relação à individualidade essencial da pessoa, representam algo de secundário, uma vez que resultam de um compromisso no qual outros podem ter uma quota maior do que a do indivíduo em questão. A *persona* é uma aparência, uma realidade bidimensional, como se poderia designá-la ironicamente".

eternidade toneis sem fundo. Argumentamos também que a partir desta leitura à luz do imaginário, é possível entender as causas do sofrimento em sentido simbólico, bem como apontar caminhos que sugere a forma de lidar com esta problemática atual.

Em nosso estudo pautamo-nos especialmente nos trabalhos de Han (2017, 2021), Contrera (2017) e Kast (2016) para referenciar as análises propostas, assim como nas leituras mitológicas de Brandão (2015a, 2015b) e Kerényi (2015) para investigar os martírios míticos.

2 O *burnout* como símbolo do sofrimento no trabalho

Na atualidade, falar em sofrimento no trabalho é quase o mesmo que falar em “síndrome de *burnout*”. Em certa medida não é assim que entendemos, pois o sofrimento no trabalho pode se expressar de diversas maneiras que não apenas pela sintomatologia do *burnout*, especialmente quando buscamos entender o sofrimento no campo sociológico e do imaginário. Apesar disto, falaremos brevemente da concepção do *burnout* para alguns autores de referência, a fim de entender esse fenômeno como uma das expressões possíveis para descrever o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho, porém, obviamente, não o único.

Na definição clássica:

O conceito de burnout – em inglês coloquial, ‘combustão completa’ – foi formulado pelo psicanalista norte-americano Herbert Freudenberger, nos anos 1970, para nomear uma reação de esgotamento físico e mental vivenciada por profissionais de saúde envolvidos na assistência a usuários de drogas. Identificado inicialmente nas áreas de cuidado/serviços (saúde, serviço social, assistência jurídica, atividade policial e de bombeiros) e da educação, o burnout foi tradicionalmente definido como uma síndrome psicológica composta de três dimensões: exaustão emocional (sensação de esgotamento de recursos físicos e emocionais), despersonalização ou cinismo (reação negativa ou excessivamente distanciada em relação às pessoas que devem receber o cuidado/serviço) e baixa realização pessoal (sentimentos de incompetência e de perda de produtividade) (VIEIRA; RUSSO, 2019, p. 2).

Quando saímos desta limitação epistemológica do fenômeno e abarcamos outras linhas de pesquisa, observamos diversas situações chamadas de “burnout” pelos autores, mas que não necessariamente se enquadram na definição médica. Isto mudaria o fenômeno? Ao nosso ver, a despeito do nome que se dê, isso não acontece; por isso preferimos o termo mais geral “sofrimento psíquico”, e não “burnout”.

O pensador sul-coreano Byung-Chul Han (2017) apresenta em seu livro *Sociedade do cansaço* um importante recorte de como a sociedade do trabalho vem se moldando, implicando na adoção de determinados comportamentos, consciente ou inconscientemente, por parte dos trabalhadores. Segundo o autor, o *sujeito do desempenho* só almeja performar (HAN, 2017), como um autômato, sem que haja reflexão, condição essencial para ampliação da consciência humana (JUNG, 1999). Para Han (2017), a atualidade se caracteriza pela proliferação de doenças neuropsíquicas, sendo a síndrome de *burnout*, a doença tipicamente caracterizada pela estafa laboral, uma delas:

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI (HAN, 2017, p. 7-8).

Ainda segundo o autor, isto se dá por uma fantasia de “aceleração” do tempo, que só deve servir a um ideal do “resultado”, fazendo com que o indivíduo permaneça em uma situação de egoísmo, pois é apenas o tempo dele que importa, a despeito de outros tempos possíveis:

O tempo que se deixa acelerar é o *tempo-do-Eu* [*Ich-Zeit*]. Ele é o tempo que eu tomo para mim. Ele conduz à falta de tempo. Há, porém, também um outro tempo, a saber, o *tempo do outro*, um tempo que eu *dou* ao outro. O tempo do outro como *dádiva* não se deixa acelerar. Ele também se furta ao trabalho e ao desempenho, que sempre exige *meu* tempo. A política temporal do neoliberalismo desfaz o tempo do *outro*, pois ele não é eficiente. Em oposição ao tempo-do-eu, que isola e singulariza, o tempo do outro promove a comunidade. Apenas o tempo do outro liberta o eu narcisista da depressão e da exaustão (HAN, 2021, p. 41-42).

A consequência desta dimensão será exatamente o encontro do indivíduo com seu sofrimento. Como indica Kast (2016), é preciso dedicar tempo a si, para a totalidade da existência e não só para o trabalho. Como um fenômeno do imaginário, o sofrimento será resultante de algo que aponta para a profundidade existencial, para a experiência de um martírio, que sendo evitado a todo custo, encontra outras formas de se expressar simbolicamente.

Le Breton (2018) explica que no fim das contas o sofrimento no trabalho é fruto de uma renúncia de si mesmo pelo indivíduo ou o apagamento de si. Ao priorizar exclusivamente uma visão temporal (HAN, 2017, 2021) e tecnicista da vida (LE BRETON, 2018; KAST, 2016), o sujeito vai encolhendo psiquicamente, ficando refém de sua própria

máscara social. Isto é, despejando energia em algo que ele não é genuinamente, mas que imagina ser (JUNG, 2013). Desta forma, é como se o sofrimento fosse o sintoma de algo que precisa ser reparado no indivíduo e na sua relação com o próprio trabalho. Com isso, deslocamos a visão puramente causal do sofrimento, para abarcar sua dimensão teleológica, que somente uma leitura a partir do imaginário nos permite (DURAND, 2012).

A síndrome de *burnout* se apresenta como uma categorização patológica relacionada ao trabalho (VIEIRA; RUSSO, 2019), contudo, tal como já mencionamos, entendemos o *burnout* como um sintoma de uma sociedade doente, (LE BRETON, 2018; KAST, 2016; HAN, 2017, 2021; MORIN, 2021) e não apenas como uma doença do trabalho. Não nos interessa a limitação da sintomatologia do *burnout*, objeto mais bem estudado na psiquiatria e/ou psicologia, focamos na sua dinâmica psicossocial e especialmente no seu simbolismo. É a partir desses vieses que conseguimos interpretar o fenômeno à luz do imaginário. Porém, não podemos esquecer de que é pela conscientização sobre os sofrimentos psíquicos no trabalho que surge a temática popular de que a saúde do indivíduo retorna quando ele volta a ser produtivo. Por meio de breve exercício reflexivo, essa premissa mostra-se falha, porque já está estabelecido que pessoas com altos índices de performance podem estar atuando sob a tutela do *burnout* ou até mesmo sublimando questões problemáticas de outras áreas da vida; compensando de forma compulsiva questionamentos existenciais profundos (JUNIOR; TORRES, 2021) ou sendo produtivos, do ponto de vista do capitalismo predatório por meio do uso de substâncias psicotrópicas (SILVA *et al.*, 2019; FIDALGO; SILVEIRA, 2008). Para Le Breton:

A necessidade de permanentemente dar conta das coerções da identidade e de oferecer aos outros sinais de boa vontade, notadamente na esfera profissional, acentuam a sobrecarga de trabalho e o esgotamento daqueles cujas forças são cortadas dia após dia e que já não dispõem de nenhuma reserva para reconstruir-se. A mobilização permanentemente leva o indivíduo ao limite de suas possibilidades. O *burnout*, a depressão por esgotamento físico, quando não resta mais ao indivíduo nenhuma energia por ter vivido demasiadamente acima de seus limites, são o preço a pagar por esse investimento (LE BRETON, 2018, p. 66).

Em outras palavras, o fenômeno seria resultante de um processo constante de esgotamento, que não culminaria exclusivamente no *burnout*, podendo se expressar na depressão, por exemplo. Isso é relevante, porque só enfatiza que especificar o *burnout* como uma doença do trabalho é insuficiente, concordando com nossa tese de não limitar o fenômeno à uma área da vida. Podemos dar diversos exemplos que não são exatamente relacionados ao trabalho e que também podem drenar a energia do indivíduo; o que esgota uma pessoa no sentido semântico não é apenas o trabalho, mas são as relações interpessoais

ruins, horas no trânsito e/ou transporte precário para chegar ao trabalho, situações conflituosas em sua família, problemas nas finanças pessoais, mães de recém-nascidos que não conseguem ter o devido amparo para voltar ao trabalho após os quatro meses de licença, dentre outros. Além do mais, dependendo do caso, pouco se diferencia o *burnout* da depressão e/ou da ansiedade em termos de sintomatologia (GLINA; ROCHA, 2016). Daí a nossa insistência do olhar simbólico para o sofrimento no trabalho, sem que este seja tido como sinônimo de *burnout*. O sofrimento pode advir de questões de discriminações relacionadas a gênero, raça ou deficiência física; assédios morais e sexuais; coação de naturezas diversas; incoerência da alta gestão entre valores — aquilo que se diz — e cultura organizacional — aquilo que se faz (SCHEIN, 2004).

André Gorz, ao pesquisar um grupo de programadores de computador, chegou à seguinte constatação referente ao *burnout*:

Uma boa proporção desses programadores de computador de alto nível sabe que, com mais de trinta ou trinta e cinco anos de idade, está ameaçada pelo *burnout*, ou seja, por um tipo de fadiga mental que faz um trabalho, cuja dificuldade em princípio estimulou sua criatividade, parecer então subitamente enfadonho, fastidioso, sem sentido (GORZ, 2005, p. 65).

O autor introduz uma definição importante para o fenômeno que é a ausência de sentido no trabalho, ou seja, não é só o excesso de atribuições, mas a falta de significado individual na execução das funções que pode gerar sofrimento. Podemos entender essa dinâmica também como baixa realização pessoal (VIEIRA; RUSSO, 2019).

Para Han (2017, p. 21): “A SB (Síndrome de *Burnout*) é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma massificação do positivo”. Aqui encontramos a introdução de uma outra característica do *burnout*: o “excesso de igual”, que pode ser compreendida como uma repetição comportamental com tendência de ser eterna. Retomaremos e aprofundaremos essa noção um pouco mais à frente no texto.

Para Morin (2021) o *burnout* é um fenômeno decorrente da hipercompetitividade naturalizada no neoliberalismo e para Kast (2016) um distúrbio de algo que não está recebendo a devida atenção pelo indivíduo. Dada a amplitude de definições no campo psicossocial, limitar o entendimento do *burnout* em sua circunstância psiquiátrica é limitar a amplitude de análise do fenômeno. Por outro lado, para abraçá-lo sem se ter a necessidade de categorizá-lo, é preciso entender sua dinâmica simbólica, que em nossa concepção, será mais bem entendida quando investigada através da leitura metafórica dos martírios míticos.

3 Martírios míticos e o trabalho

Gustavo Barcellos, ao considerar a dimensão psicológica coletiva e mitológica como aspecto diretor da vida humana, afirma:

[...] não há um momento, um instante na vida que não seja governado por um arquétipo – na visão da nossa psicologia. Tudo o que digo, faço, sinto, sofro, o modo de amar, de trabalhar, de adoecer, de morrer, toda uma filosofia de vida, nossas grandes verdades, estão apoiados neles. Os arquétipos nos dão sustentação (BARCELLOS, 2019, p. 42).

Com isso, podemos entender que essa proliferação de sofrimento psíquico no ambiente de trabalho possui uma espécie de arquétipo regente. O mito de Sísifo é regularmente associado ao trabalho (KAST, 2017; CAMUS, 2019; DURAND, 2012), por sua representação do paradoxo do ideal daquele que produz de maneira incessante e inconsciente algo sem sentido algum, especialmente se nos pautarmos na leitura do mito feita por Kast (2017). Além deste mitologema, são diversos outros que tratam dos martírios eternos, tais como Tântalo (BRANDÃO, 2015a), Íxion (GRIMAL, 2005; BRANDÃO, 2015a); Prometeu (KAMPER, 1998; RASCHE, 2017; BRANDÃO, 2015a; DURAND, 2012) e as Danaides (KERÉNYI, 2015; BRANDÃO, 2015b).

Partindo das leituras de Han (2017, 2021), Morin (2021) e Kast (2016) que entendem o sofrimento psíquico como o resultante dos excessos laborais, parece-nos que a mitologia grega das Danaides é uma das melhores para explicar este fenômeno contemporâneo no seu sentido simbólico. Uma das ideias, ditas ou tácitas, no trabalho, é a necessidade de lucro constante. Este movimento é, sob certa forma, coercitivo, pois parece impossibilitar o indivíduo de considerar algo que diferente disto, como a própria satisfação pessoal em si. Evidentemente uma empresa buscará o lucro e isso não é necessariamente errado. Em nossa visão, dar ênfase e importância para a negação do sofrimento com o objetivo exclusivo da obtenção de lucro, um dos acordos tácitos no campo empresarial, leva-nos a considerar o mito das Danaides.

Segundo a historiografia do mito, narra-se que o rei Dânao teve 50 filhas, chamadas todas de Danaides: “Essas cinquenta não eram moças comuns. Numa descrição, aparecem como seres de vozes pouco femininas, que praticavam esportes com carros de guerra e ora caçavam nas matas ensolaradas, colhiam tâmaras, cinamomo e incenso” (KERÉNYI, 2015, p. 49).

Opostamente a Dânao, Egito, seu irmão gêmeo, era pai de cinquenta homens. Depois de uma das inúmeras guerras travadas entre os dois, Dânao, por saber que suas filhas eram temerosas quanto aos filhos de Egito, foge com as Danaides para outras regiões. Como nos descreve Kerényi (2015) a relação entre Dânao e Egito era de absoluta desconfiança. Algum tempo depois Dânao busca mais uma vez atingir o irmão e pede para que suas cinquenta filhas formem matrimônios com os primos, para que, na noite de núpcias, os assassinassem:

[...] as Danaides engenharam com o pai um nefando estrategema. Dânao deu a cada filha uma adaga; chegando a noite de núpcias, as quarenta e nove³ noivas assassinaram os respectivos noivos. A cabeça dos assassinados foi cortada e atirada às águas profundas de Lerna, de onde, desde então, emergiram outras tantas cabeças (KERÉNYI, 2015, p. 50).

Dos exemplos dos martírios míticos que mencionamos mais acima, as Danaides são as únicas representantes do gênero feminino, e isso é fato relevante. Quando cortam as cabeças dos maridos, da mesma forma que fizeram Dalila, cortando os cabelos de Sansão (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002), e Psiquê, ao tentar cortar a cabeça de Eros (BRANDÃO, 2015b), as Danaides fazem uma castração simbólica do masculino: “[...] decepar-lhe a cabeça com uma faca [...] estampa um antigo símbolo de castração sublimado e elevado à esfera espiritual” (BRANDÃO, 2015b, p. 237). Ao ousarem atentar contra esse masculino, as Danaides são punidas pela eternidade; no regime patriarcal, tentar romper com o masculino resulta em martírio.

Outras versões desta narrativa dirão que as Danaides foram purificadas por Hermes e Atena, por um pedido de Zeus, mas o fim delas em um martírio eterno é a versão mais conhecida:

[...] nas imagens do outro mundo concebidas pelas artistas, entraram na Casa do Hades como exemplos das eternamente não realizadas, das que nunca atingiram o *telos*, a contemplação, fosse ela a consumação do casamento ou a iniciação. No mundo subterrâneo, carregavam eternamente água em jarros quebrados ou a derramavam num tonel sem fundo (KERÉNYI, 2015, p. 50-51).

Há algo de comum nos mitos de Sísifo, Prometeu, Tântalo e Íxion, que é traição que eles cometem contra Zeus (KAST, 2017; RASCHE, 2017; BRANDÃO, 2015a). Isso é diferente com as Danaides, pois elas não traem Zeus especificamente, porém, traem o masculino, representado na figura dos maridos. Consideramos que estes representam o modelo

³ Kerényi (2015) descreveu, uma das filhas de Dânao não seguiu o que foi combinado com o pai, enamorando-se de seu primo. O casal seria antepassado de grandes heróis míticos, tais como Perseu e Hércules.

patriarcal do neoliberalismo e isto significa que as relações são construídas essencialmente na dimensão econômica, aquela que ignora a dimensão humana e simbólica, como descreve Morin:

Acresce que a concepção tecnoeconômica predominante privilegia o cálculo como modo de conhecimento das realidades humanas (taxa de crescimento, PIB, pesquisas de opinião, etc.), ao passo que o sofrimento e a alegria, a infelicidade e a felicidade, o amor e o ódio são incalculáveis. Assim, o que nos cega não é apenas a ignorância, mas também o conhecimento (MORIN, 2021, p. 35).

Com isso, podemos considerar que os tonéis sem fundo que as Danaides estão a preencher pela eternidade, representam, simbolicamente, a busca exasperada pelo lucro, a despeito dos aspectos humanos das relações, como metaforizado nesta passagem bíblica: “Quem ama o dinheiro, nunca está farto de dinheiro, quem ama a abundância, nunca tem vantagem. Isso também é vaidade” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1077). Olhando para a enorme disparidade econômica em que vivemos, perguntamos qual é o limite do lucro? Em algum momento ele será suficiente? Brandão sugere que: “Essa imagem concernente a encher um tonel sem fundo ou carregar água numa peneira, configurada no suplício das Danaides, é interpretada por Platão como uma entrega insaciável a paixões eternamente insatisfeitas” (BRANDÃO, 2015b, p. 174).

Cabe enfatizar que o martírio das Danaides, diferente dos outros mitos citados, é coletivo. O que, em nossa leitura, demonstra a insaciabilidade do empresariado pelo lucro ao mesmo tempo que se submetem ao capital sacralizado. O movimento das Danaides é uma ação da matrilinearidade contra o excesso de vazio, representados pelos tonéis que elas tentam, sem sucesso, eternamente preencher (BRANDÃO, 2015b).

Voltamos neste ponto ao sofrimento psíquico no ambiente de trabalho, pois fica claro que quando consideramos as perspectivas de Han (2017), Le Breton (2018) e Kast (2016) o *burnout* está atrelado a um excesso desmedido combinado com uma ausência de sentido, e distanciamento das próprias emoções. Han dirá que “[...] há que se admitir que o sujeito do desempenho não aceita sentimentos negativos, o que acabaria se condensando e formando um conflito” (HAN, 2017, p. 98-99). Mas o *burnout* ou o sofrimento no trabalho, mesmo que não categorizado com esse rótulo, é uma tentativa da psique revelar o conflito simbólico para a consciência (KAST, 2016). Preencher o vazio é a própria representação do *burnout*, isto é, um esgotamento por fazer nada. Ou então, um esgotamento por fazer muito que resulta em nada, claramente representado pelo mito das Danaides.

Diante desta leitura simbólica, seriam os exercícios físicos laborais, os minutos de meditação, regras de “bem-estar” ventiladas pelos corredores corporativos, ações suficientes para reduzir o sofrimento psíquico? O que a mitologia das Danaides nos ensina é que não. Talvez os movimentos estejam em outras ações, de cunho mais amplo, que convide o repensar da própria relação e do sentido do trabalho (PFEFFER, 2019).

No mês de março de 2022 a revista *Você S/A*, reconhecida por ser uma espécie de guia de carreira profissional, publicou em sua versão online uma extensa reportagem sobre o *burnout* (figura 3) descrevendo suas causas e sintomatologias (CARBINATTO, 2022), porém, sem sugerir dicas de como lidar com ele. A reportagem menciona o fenômeno estadunidense pós pandemia chamado “*Great Resignation*”, que em nossa visão, seria mais bem traduzido por “Grande Renúncia”, enquanto o corpo editorial da revista traduz como “Grande Resignação⁴”. De qualquer forma, o fenômeno se refere à debandada de profissionais das empresas visando outros tipos de trabalho e melhor qualidade de vida, abdicando ao estilo de vida que é imposto pelo que consideramos como o trabalho tradicional.

Precisamos salientar que a realidade econômica dos EUA é diferente da do Brasil, com a população de lá possuindo diferentes condições e opções que a maioria da população brasileira não consegue acessar. Renunciar ao modelo de trabalho clássico é um privilégio de poucos brasileiros em termos de percentual populacional. Será que os estadunidenses estariam se conscientizando dos tonéis sem fundo do patriarcado que tem sido, tentativamente, preenchidos por anos a fio, reconhecendo de alguma forma as Danaides simbólicas que lhes habitam? Seria, portanto, o sofrimento no trabalho um indicativo claro de que as Danaides estão a preencher tonéis de nada, confundindo valor e dinheiro? Esta reflexão de Han expressa o simbolismo das Danaides dentro do contexto laboral:

O sujeito de desempenho esgotado, depressivo está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento. Desgasta-se correndo numa roda de hamster que gira cada vez mais rápido ao redor de si mesma (HAN, 2017, p. 91).

⁴ O verbo “*to resign*” em inglês poderia ser traduzido para o português tanto “renunciar” como “resignar”. Contudo, em português a palavra “resignação” tem predominantemente o sentido de submissão indesejada à vontade de alguém, apesar de também ser um termo jurídico que se refere à demissão voluntária do próprio cargo. Na maioria das vezes, o uso do verbo “*resign*” em inglês se traduz para o português como “renunciar” e não “resignar”, até porque, a depender do contexto, os verbos podem trazer sentidos diferentes. Adicionalmente, o movimento do *Great Resignation* corresponde à uma tentativa de renúncia coletiva aos moldes de trabalho típicos, em prol de outros modelos de vida, para além da forma tradicional de se lidar com o trabalho, o que é muito mais significativo e simbólico do que o uso de um termo jurídico para o movimento. Traduzir esta expressão como “Grande Resignação”, no idioma português, poderia ser entendido no seu sentido jurídico, ao nosso ver empobrecido, que seria o ato de se fazer demissões voluntárias de cargos, ou até mesmo como uma espécie de aceitação passiva de algo, que é justamente o contrário da ideia contida na palavra renúncia, que evoca uma contra-ação à algo. Portanto, para não restar dúvida do que o movimento quer aludir, a expressão “Grande Renúncia” sugere ser mais adequada em português, do que “Grande Resignação”.

A literalidade do pensamento neoliberal quase sempre impossibilita a reflexão destes acontecimentos na perspectiva do imaginário, mas Contrera (2017) faz esta ponte ao sintetizar a confusão entre dinheiro e valor no sistema capitalista:

O pensamento econômico capitalista atual é literalizante, na sua apologia ao dinheiro e à visão financista, que desmerece crescentemente a noção de valor. Aprendemos a crer que o valor supremo é o dinheiro, originalmente criado para representar em parte a noção de valor. Essa inversão sinaliza a forma como o dinheiro passou a ser um fim em si mesmo, usurpando aos poucos o valor do resto das coisas, que, esvaziadas de sentido, passaram a ser um caminho para o dinheiro, caminho essencialmente instrumental. Logo, essa visão instrumental da ação do homem no mundo é uma ação pragmática que tem pressa de atingir os objetivos, visando apenas a eficiência do processo. É a imagem do caminho mais curto entre dois pontos, e a busca do meio mais rápido de percorrê-lo, sem a consideração da fruição estética e das vivências que o caminho pode oferecer, ou seja, do sentido que poderíamos extrair da experiência do caminhar (CONTRERA, 2017, p. 72).

Enquanto não for compreendido em sua dimensão simbólica, considerando não apenas a experiência literal do fenômeno, mas também a experiência imaginal, psíquica e relacional, o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho representará de maneira correlata um martírio mítico, que só poderá ser rompido quando houver de fato uma renúncia (e não resignação) ao *status quo*, situação esta que claramente não é bem-vinda aos olhos do patriarcado neoliberal, ou da vigilância onipresente de Zeus.

4 Considerações finais

O sofrimento psíquico no ambiente de trabalho apresenta-se como um terreno fértil para investigação segundo o imaginário, assim como aponta para necessidades de mudanças imediatas, como defendem Morin (2021), Pfeffer (2019) e Sennett (2010). Isto parte desde uma reorganização do sistema social e cultural, assim como da responsabilidade do indivíduo (JUNG, 1999).

Demonstramos que o *burnout*, corriqueiramente limitado a uma categoria de patologia, com uma série de causas e sintomas relacionados, pode ser, na verdade, uma expressão do imaginário, um símbolo que expressa o sofrimento de uma sociedade doente e não apenas o esgotamento emocional de determinados indivíduos. Pudemos analisá-lo à luz da mitologia das Danaides, que sofrem de *burnout* por estarem dedicadas a uma tarefa desprovida de sentido e de finitude, mas que transmite a fantasia de produtividade, bem como define Han, ao argumentar que o indivíduo do trabalho, tomado pelo complexo cultural

da produtividade, sem condições de concluir algo, é incapaz sequer de se entregar ao próprio sono:

O bom sono é, ele mesmo, uma conclusão. O sujeito do desempenho exaurido, em contrapartida, adormece como uma perna adormece. Isso não é uma forma de conclusão. A insônia provém da incapacidade de concluir. Hoje, fecham-se os olhos, quando se os fecham de algum modo, por cansaço e exaustão. Seria mais apropriada a formulação: os olhos simplesmente se fecham, o que não é uma conclusão (HAN, 2021, p. 23-24).

Entender a dinâmica simbólica dos martírios míticos pode ser a saída para a compreensão mais completa do fenômeno complexo que é o sofrimento e a exaustão no trabalho e na sociedade contemporânea em geral. Infelizmente, dentro do contexto social em que estamos inseridos, esse movimento é alimentado pelo uso ideológico do imaginário (CONTRERA, 2017) e tende a se repetir por tempo indeterminado; ao menos enquanto isso parecer, para a maioria, algo lucrativo.

Financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

- BARCELLOS, Gustavo. **Mitologias arquetípicas**: figurações divinas e configurações humanas. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega Vol. I**. Petrópolis: Vozes, 2015a.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega Vol. II**. Petrópolis: Vozes, 2015b.
- CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.
- CARBINATTO, Bruno. Entenda o que realmente é a síndrome de burnout. **VC S/A**, São Paulo, 17 mar. 2022. Disponível em: <https://voca.abril.com.br/carreira/entenda-o-que-realmente-e-a-sindrome-de-burnout/>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**: meios, imaginários e desencantamento do mundo. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.
- DEJOURS, Christophe. **O fator humano**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo: WMF Martins Fonte, 2012.

EXAME. Burnout. **Exame**, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://exame.com/edicoes/1203/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

FIDALGO, Thiago Marques; SILVEIRA, Dartiu Xavier da. Uso indevido de drogas entre médicos: problema ainda negligenciado. **Jornal brasileiro de psiquiatria [online]**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 4, p. 267-269, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0047-20852008000400007>. Acesso em: 3 abr. 2021.

GLINA, Débora Miriam Raab; ROCHA, Lys Esther Rocha (org.). **Saúde mental no trabalho: da teoria à prática**. São Paulo: Roca, 2016.

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Petrópolis: Vozes, 2021.

JUNG, Carl Gustav. **Presente e futuro**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNIOR, Jose Luiz Balestrini; TORRES, Leonardo. A pandemia kafkaniana de Saramago: Uma análise sobre a negação da morte na sociedade contemporânea. **Educação, Cultura e Comunicação**, Lorena, v. 12, n. 24, 2021.

KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

KAST, Verena. **A alma precisa de tempo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

KAST, Verena. **Sísifo: vida, morte e renascimento através do arquétipo da repetição infinita**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

KERÉNYI, Karl. **A mitologia dos gregos vol. II: a história dos heróis**. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MORIN, Edgar. **O método 4: as ideias-habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PFEFFER, Jeffrey. **Morrendo por um salário: como as práticas modernas de gerenciamento prejudicam a saúde dos trabalhadores e o desempenho da empresa – e o que podemos fazer a respeito**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

PUBLIABRIL. Bem-vindos à indústria do conhecimento. **PubliAbril**, São Paulo, 2009c. Disponível em: <https://publiabril.abril.com.br>. Acesso em: 20 out. 2020.

RASCHE, Jörg. **Prometeu**: revolta, amadurecimento e transformação do princípio masculino do self. São Paulo: Cultrix, 2017.

SCHEIN, Edgar H. **Organizational culture and leadership**. San Francisco: Jossey-Bass, 2004.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SENNETT, Richard. **Juntos**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVA, Ramón Araújo *et al.* A percepção de caminhoneiros sobre o uso de substâncias psicoativas no trabalho: um estudo etnográfico. **SMAD, Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 4, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.150461>. Acesso em: 3 abr. 2020.

TORRES, Leonardo. **Contágio psíquico**: a loucura das massas e suas reverberações na mídia. São Paulo: Eleva Cultural, 2021.

VIEIRA, Isabela; RUSSO, Jane Araujo. Burnout e estresse: entre medicalização e psicologização. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 1-22, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290206>. Acesso em: 17 fev. 2023.

VOCÊ RH. O ano da saúde mental. **Você RH**, São Paulo, 16 out. 2020. Disponível em: <https://vocerh.abril.com.br/edicoes/70/>. Acesso em: 21 mar. 2023.
VOCÊ S/A. Burnout. **VC S/A**, São Paulo, 11 mar. 2022. Disponível em: <https://vocesa.abril.com.br/edicoes/286/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

Burnout and psychic suffering in the work environment: an interpretation from the imaginary and mythical martyrdoms

Abstract

The purpose of this article is to discuss the phenomenon of psychic suffering and exhaustion in the work environment, usually called *burnout*, in the light of Imaginary Studies, specifically, bringing homologies from Greek mythology to understand the condition and the symbolic crisis present in this phenomenon. The question raised was: what symbols can be raised and explored from the mythical martyrdoms, being these phenomena of the human psyche that do not correspond to a reading within a space-time? For our analysis, we chose the myth of the Danaids,

who suffered the martyrdom of filling bottomless vats with water for all eternity. Carrying out this study from the perspective of Studies of the Imaginary, it becomes possible to understand the causes of suffering in a symbolic sense, as well as to point out ways that suggest how to deal with this current problem. The methodology chosen was a literature review and discussion of the works of authors such as Han, Contrera and Kast to reference our analyses, as well as the mythological readings of Brandão and Kerényi to investigate mythical martyrdoms.

Keywords

imaginary; work suffer; Burnout; mythology; martyrdoms

Autoria para correspondência

Leonardo de Souza Torres
leosouzatorres@gmail.com

José Luiz Balestrini Jr.
balestrini@lungfu.com.br

Rafael Rodrigues de Souza
r.rafaelsouza83@gmail.com

Como citar

TORRES, Leonardo Souza; BALESTRINI JUNIOR, José Luiz; SOUZA, Rafael Rodrigues de. Burnout e o sofrimento psíquico no ambiente de trabalho: uma leitura a partir do imaginário e dos martírios míticos. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-128919, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.128919>

Recebido: 16/12/2022

Aceito: 06/02/2023



Copyright (c) 2023 Leonardo Souza Torres, José Luiz Balestrini Junior, Rafael Rodrigues de Souza. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.